



A ESCRITA DA CIÊNCIA: DESAFIOS PARA ‘GENTE GRANDE’

Profa Dra Maria Luiza Cardinale Baptista
Professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS)
e Diretora da Pazza Comunicazione, Brasil.
malu@pazza.com.br

Resumo

O presente artigo apresenta a discussão sobre processos de escrita do jovem adulto, como expressão da subjetividade e da relação com a trama comunicacional contemporânea. Trata-se da síntese de uma investigação produzida, em nível de doutoramento, na Universidade de São Paulo. Pretende abordar os desafios inerentes ao processo de produção da escrita científica, a partir do reconhecimento da escrita como inscrição do sujeito e reflexo de um processo histórico de inscrições e mutações midiáticas. Processo também de relações dos sujeitos da escrita com as mídias, que vão marcando, travando ou potencializando sua condição de autor. O texto reflete sobre a condição de mutação contemporânea, que transforma os processos de inscrição científica e a ambiência inscricional do sujeito jovem adulto, em especial.

Palavras-chave: escrita, ciência, subjetividade, jovem adulto, comunicação.

Trago (levo) comigo minha meninice
e meu olhar de espanto e encanto
pelo mundo, pelos seres-outros...
Sigo, imaginando mundos de amores-paixões
a serem desvendados... conquistados.
Vem daí esse jeito afetivamente afetado
que me faz ir sempre em frente... arriscar...
E, por falar nisso, vamos adiante,
que o caminho é longo...

“Os jovens não sabem escrever. Estamos vivendo um tempo de crise da escrita. Não sei o que fazer com os meus alunos. Eles não escrevem uma linha... Eles não querem nada com nada. Os alunos são preguiçosos. A produção intelectual dos alunos é medíocre...”. Atenção, leitor. Estamos em um ambiente fictício, mais que real, que pode ser encontrado em muitas escolas, muitas universidades. O semblante quase (às vezes totalmente) desesperado, de professores que corrigem os textos dos alunos, vai se juntando à condição angustiante de muitos estudantes, no momento em que precisam entregar seus textos para a avaliação dos professores. Agonia de quem escreve, se inscreve, e de que lê (muitas vezes, apenas, tenta), buscando decifrar pensamentos, apreender ideias, que foram se aninhando em frases fragmentadas. Pensamentos picados. Frases e pensamentos



cortados por uma construção intelectual que inspira cuidados. O processo de escrita é correspondente a um processo de inscrição, constituição de corporeidade textual e posterior entrega. Entrega de quem escreve e fica ali - e aqui – corporificado, transformado em corpo e se propõe ao outro, para ser lido, apreendido em suas – minhas - imperfeições. Assim surgiu este texto, na tentativa de compartilhar ideias produzidas sobre a inscrição do sujeito na contemporaneidade. A proposta é falar sobre os desafios de inscrição, para alguém que se propõe, por escrito, em um mercado de tramas midiáticas, quer dizer, de multiplicidade de mídias, que vão ‘costurando’ as pessoas, ou seja, tecendo sujeitos, contribuindo para a formação de seres, de suas mentes, seus sentimentos, seus modos de apreender o mundo e de se relacionar.

Para os jovens, o cenário dos nossos tempos é ainda mais desafiador. Eles se defrontam com um universo de responsabilidade e com um mercado que cobra competências de todos os tipos e demanda um ser humano sem falhas. Um mercado onde “errar não é humano”. Como escrever em um cenário destes? Como produzir e entregar uma produção que parte do limite do simbólico, do que é possível inscrever, em um determinado tempo e circunstância. Ainda mais, como os jovens adultos podem conviver com o confronto entre a idealização de si mesmos e as limitações da expressão escrita, cuja tradição é marcada por regras de todos os tipos e ditames e dogmas, que alardeiam que existe uma maneira correta de fazê-lo. Em geral, eles se deparam com o fantasma da impossibilidade e, assim, vão ficando cada vez mais afastados desta forma de expressão-comunicação, que tanto encanta e seduz alguém que, como eu, já entendeu que a imperfeição pode ser um dado tranquilizador.

O grande investimento do conteúdo deste texto é no caráter autopoietico¹ da escrita, ou seja, quando escrevo, eu me reinvento e, de alguma forma, reinvento o que penso, porque organizo este pensamento para entregar para alguém, para meu leitor presumido. Assim, construí este texto, para provocar “pensares múltiplos” em alunos e professores, seres escritores, seres leitores, sobre os percalços do processo de escrita e sobre a subjetividade do jovem contemporâneo, em confronto com as mídias e suas marcas... traços constitutivos de seres e desafiadores da relação de ensino-aprendizagem. Trato, aqui, então, de aspectos relacionados a como se pode ensinar a escrever – o texto acadêmico ou não – de forma prazerosa, reconhecendo traços e marcas dos sujeitos que escrevem. A grande pista é compreender a sua constituição e relações; seus medos e desejos, acolhendo

¹ Termo utilizado, aqui, no sentido de Humberto Maturana (1998).



o movimento de expressão e potencializando o encontro vivo e vibrante com o sentido da escrita.

Destaco, igualmente, que um dos pressupostos que norteiam este texto é o de que a Ciência e a Experiência humana estão inextricavelmente ligadas, o que é coerente com a perspectiva que venho defendendo, de objeto paixão-pesquisa em Comunicação. Uma das ideias que apresento aos meus alunos de pesquisa é a de que os fenômenos sobre os quais nos debruçamos vão existindo, em nós, como uma espécie de fantasma. Um fantasma que vai ganhando corpo, forma e em nós se gruda, como aquelas ‘coisas’ dos filmes de ficção científica, algo como “objeto, a bolha grudenta”. Seguindo esta fantasia, é possível pensar nesse ‘objeto’ como algo que vai tomando conta de nós, nos possuindo, ocupando amplos espaços do nosso cérebro e, depois, aos poucos, vai atingindo os outros órgãos, até que – no momento em que achamos não aguentar mais, em que pensamos que “ele, o objeto” vai nos consumir completamente, e só aí, nesse momento – entendemos que “ele” é nossa própria vida. Somos nós mesmos vibrando em níveis sutis e sofisticados, articulando sentidos elementares e essenciais da nossa própria existência. Por isso mesmo, resgato agora cenas do processo de constituição da tese que apresentei à Universidade de São Paulo, a partir do processo do qual ele decorre. Trata-se de um resgate ampliado, do processo em mim, numa espécie de retrospectiva dos melhores momentos que, embora possa não parecer, num primeiro momento, são plenos de saberes teóricos e experienciais.

CENA 1 – Uma relação fraterna com a escrita. Claquete!

Era madrugada. Meu irmão mais velho, Cláudio, tinha acordado antes de mim e me chamara para mais um encontro de leituras. Éramos ainda muito crianças. Não sei ao certo a nossa idade. Lembro, no entanto, de modo muito intenso, da sensação de cumplicidade dessa relação fraterna, fortalecida pelo encanto com o mundo de Monteiro Lobato. Cada nova aventura no ‘reino das Águas Claras’ e cada peripécia da Emília, era reflexo da intensidade de uma relação que se constituía. Foi meu irmão que me ensinou a amar as palavras, que me ensinou a ler, alguém que me iniciou nos caminhos da relação simbólica, entre os traços e o sentido. Não por acaso, ele foi também um grande parceiro, no interesse por compreender o ser humano e suas relações.

Naquela noite, fora de casa, o silêncio de uma madrugada em Guarantã, pequena cidade do interior de São Paulo, onde nasci. Sapos, grilos e sussurros do vento ou – supostamente – dos fantasmas. Dentro de nós, universos em transmutação, processos de



conhecimento, reconhecimento e encantamento do mundo. Estávamos no reino mágico de Monteiro Lobato, das Águas Claras, da Escrita.

CENA 2 – Encanto e respeito pela escrita. Claquete!

Na saída da aula, era sempre uma correria. Gritos. O som do Grupo Escolar de Guarantã ainda hoje é tão forte em mim. Estava no início do segundo ano. Não fiz o primeiro, graças à dedicação do meu primeiro professor, na vida, o Cláudio. Naquele dia, encontrei a Dona Mituro, vice-diretora da escola. Uma descendente de japoneses, séria e simpática ao mesmo tempo. Interpelei-a. “Dona Mituro, quem inventou o ‘a’?”. Ela titubeou, como se não acreditasse. “Como?”. Repeti a pergunta e ela não soube responder. Disse que o ‘a’ não era propriamente uma invenção... e tá, tá, tá... Eu fiquei meio frustrada, mas aceitei.

Dias depois, no final da aula, Dona Mituro pediu licença para a professora e disse que tinha vindo responder a uma pergunta feita por uma aluna. Explicou que no momento da pergunta não soube responder e que tinha feito uma pesquisa. Falou um pouco do início da escrita, das pinturas nas cavernas que começaram a representar o mundo... Eu me encantei com a resposta, apesar de não ficar sabendo quem inventou o ‘a’. Fiquei maravilhada, em particular, com o tratamento que recebi da Dona Mituro... Respeito, conhecimento, marca de ser bem tratada.

CENA 3 – Não existe texto perfeito. Claquete!

O Senhor Paschoal, professor de Português do ginásio, tinha pedido uma redação, que agora não lembro bem se era sobre ‘as minhas férias’ ou sobre ‘a infância’. Tudo bem. Não é um exemplo de criatividade em termos de temática. Não importa. Mais do que nunca hoje entendo que qualquer assunto pode render um bom texto. Não há nenhum grande problema na repetição das temáticas. Além disso, este foi um dos meus melhores professores de Português.

Na escola pública Ginásio Estadual Professor José Egéa, ainda em Guarantã, estive às voltas com os exercícios de análise sintática, sentindo-me mais segura com toda lógica estrutural da produção escrita. Achava que podia aprender todas as regras e, assim, meu texto seria perfeito. Decepção. Mesmo sendo obsessiva, revisando não sei quantas vezes minha escrita, antes de entregá-la ao professor, naquela ocasião ficou faltando um acento... na palavra “pôde”, conjugação do verbo. Pode?? Bom, mas o mais interessante da lembrança foi a fala do professor, ao me entregar o texto. Senhor Paschoal, professor sério



sem ser sisudo, alto, rosto fino, tímido, pele branca, branca... de bigode, com meu texto na mão, disse: “Maria Luiza, seu texto está muito bom. Só que você tenta ser perfeita, mas não existe o texto perfeito. Faltou o acento...”. E ele me deu B.

No dia fiquei frustrada. Como eu podia ter esquecido o acento? Tinha revisado tanto... Hoje entendo a situação a partir de um outro prisma. Não existe o texto perfeito. Quem bom! Então, porque o meu teria que ser assim, teria que cumprir esse ideal? Percebo que a idealização do texto, a lógica do texto perfeito, representa uma causa de não produção escrita do sujeito, de não impressão... de não entrega... de não comunicação através deste dispositivo. Que pena!

CENA 4 – Regras são apenas instrumentos. Claquete!

Fazia o pré-vestibular no PVSinos, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. O professor Nunes havia pedido uma redação sobre Educação e Desenvolvimento. Tinha passado quase duas horas e eu não me contentava com nada escrito até então. Tudo parecia ridículo... Ficava lembrando das regras para elaboração de uma redação. Introdução. Desenvolvimento e Conclusão. Cuidar para não começar assim. Cuidar para não começar assado. Não adianta. Não saía. De repente, indignei-me. Fiquei pensando... peraí... Eu sempre escrevi... Pode ser que não consiga seguir aquelas regras, mas alguma coisa tenho que poder escrever. Em 15 minutos, escrevi um texto com as minhas ideias e entreguei. Na outra semana, recebi o texto corrigido, com algumas vírgulas fora do lugar, cheio de elogios do professor. O texto tinha ficado bom. Entendi que só consegui escrever, quando deixei de pensar nas regras em primeiro lugar. Aprendi que, para escrever, as regras são instrumentos. Não podem escravizar a gente. Se não, o texto não sai. Trava.

CENA 5 – A Escrita vira paixão-pesquisa. Claquete!

Eu vinha pensando em desenvolver uma pesquisa sobre a escrita, já há algum tempo. Naquele dia, faltava meia hora para a defesa da dissertação, encontrei o professor Mauro Wilton de Souza, no corredor da ECA. Falei da minha apreensão com a defesa e ele disse para eu não me preocupar, que daria tudo certo. Na conversa, depois de falarmos sobre amenidades, ele afirmou: “Interessante a questão da escrita... Tenho pensado nisso...”. Surpresa, compartilhei o que ainda era um projeto de um projeto: “Meu doutorado vai ser sobre a escrita, sobre processos de escrita”. Minha dissertação de Mestrado foi aprovada naquele dia e um mês depois eu estava fazendo seleção para o

palavras. Num processo que nada mais é do que ‘tramar’ a nossa própria relação. Comunicação.

Operadores de Leitura ou Cartografia da Trama das Trilhas

A escrita, aqui, é considerada como dispositivo comunicacional de inscrição do sujeito, dispositivo possibilitador da compreensão de elementos característicos da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas. A noção de escrita, neste texto, então, tem mais a ver com inscrição, com produção de marca, decorrente de um processo complexo de simbolização. Isto quer dizer que a escrita verbal tem, sim, importância, pelo lugar que ocupa diante das outras formas de inscrição, mas não é a única. Mais ainda, ressalto que, mesmo na escrita verbal, considero dimensões que extrapolam o caráter verbal, na constituição dos universos significacionais. O texto verbal é uma produção complexa que, como inscrição, comunica também pelo seu visual, pela textura do suporte, enfim, pelas características da tecnologia que o veicula. Avançando um pouco, ressalto que a comunicação do texto depende também de uma complexa ambiência², com elementos múltiplos que, acionados, alteram o processo de significação. Nesse sentido, estou considerando os processos de escrita do jovem adulto como expressão das redes midiáticas e da relação do sujeito com elas e, ao mesmo tempo, da teia/trama que se estabelece entre os sujeitos em relação, elementos fundantes do fluxo interacional, ou seja, do processo de comunicação.

Processos de escrita, neste estudo, são processos complexos de produção de texto, de articulação de sentido – o que envolve também, virtualmente³, quem vai ler esse texto. O conceito ‘texto’, por sua vez, está sendo pensado como tessitura de informações tramadas – composições complexas de fluxos informacionais corporais e incorporais, afetivos (no sentido do que afeta), de substâncias diversas. Partindo dessa noção, é possível considerar as mais diversas manifestações textuais, resultantes de processos de escrita – desenhos, grafites, pinturas, composições musicais, fotografia, vídeo, cinema, etc...⁴ O

² Refiro-me ao conjunto de fatores externos ao sujeito que estão em interação com ele, interferindo nos processos comunicacionais em que este está envolvido. Essa complexa ambiência é relativa ao não-eu, quer dizer, ao que não é o sujeito, desde o ambiente físico e suas condições gerais, até aspectos sutis, abstratos, do plano das sensações que esse ‘entorno’ provoca.

³ O conceito de virtual está sendo utilizado aqui conforme LÉVY (1996, p. 15 e ss): “A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal”.

⁴ Vale mencionar, aqui, dois textos, em especial: de Pierre Levy (1993), as Tecnologias da Inteligência, e de Derrick de Kerchove, a Pele da Cultura. Ambos ajudam a compreender as transformações decorrentes das diversas mídias, ao longo da história e na relação com a subjetividade.

sentido etimológico de texto está ligado a tecido, trama (LÉVY, 1993, p. 73; FERREIRA, 1986, p. 1674). Decorre também daí a minha conceituação. Interessante observar ainda um sentido que encontrei (FERREIRA, 1986, p. 1674) para o vocábulo escrita:

Escrita – s.f. Representação de palavras ou idéias por meio de sinais; escritura: escrita em caracteres alfabéticos; escrita ideográfica; escrita musical. 2. Tipo de caracteres adotado em um determinado sistema de escrita; alfabeto: escrita árabe; escrita cirílica. [...] 4. **P. ext. Qualquer sistema mnemônico usado para registrar mensagens ou fixar a memória dos acontecimentos.** 5. Ato de escrever. 6. Aquilo que se escreve, escrevedura. [...] (grifo meu).

Em termos de vocábulo, podemos levar em conta, também, o termo ‘escritura’, que vem do latim *scriptura*. No sentido literal, temos “Documento autêntico de um contrato, feito por um oficial público” (FERREIRA, 1986, p. 691). E o verbo escriturar significa “[...] registrar sistematicamente (contas comerciais); lavrar (documento autêntico). 3. Contratar por meio de escritura pública. P. 4. Contratar-se ou obrigar-se por meio de escritura pública”. Pode-se notar que encontramos, já no sentido literal, pistas para a ampliação da compreensão da escrita, possibilitando-nos o reconhecimento do seu caráter de registro sistemático, de contrato por meio de documento que se torna público, do ato de contratar-se ou obrigar-se... pela escrita. Interessantes pistas iniciais...

Aristóteles afirmou que “o ser é expresso de muitos modos” (apud ECO, 1991, p. 11). Esta ideia é central neste texto, na abordagem dos processos de escrita que expressam uma trama comunicacional e a subjetividade contemporânea. Estou trabalhando, então, com o processo de inscrição de seres sujeitos, que se mostram, que se imprimem, que se inscrevem. Sujeitos em propostas de relação... sujeitos que se expressam. E que se expressando e se relacionando, se produzem, produzem cognição, se reinventam a cada novo texto, a cada nova inscrição, “inscrição”. Entendendo o processo, acredito ter condições de ajudá-los a ‘driblar’ o que trava a inscrição e, simultaneamente, potencializar o desejo, a ousadia de continuar se inscrevendo.

Os sujeitos envolvidos diretamente foram os jovens adultos, na faixa etária entre 18 e 30 anos. Eram estudantes de um Curso de Comunicação Social no Rio Grande do Sul, Brasil, em fase de conclusão do curso de graduação. Estou considerando ‘jovem adulto’⁵ o jovem que se encontra na passagem da adolescência para a fase adulta. Entre as características desde jovem, uma chama a atenção. Refiro-me ao fato de que este jovem

⁵ Heinz Reimlein (1977), por exemplo, considera o final da adolescência para as mulheres aos 20 anos, com período de jovem adulto entre 20 e 30 anos; e para os homens, final da adolescência aos 21, e fase adulto jovem, entre 21 e 32 anos.



está prestes a ingressar no ‘mercado’ – num sentido amplo. Trata-se de um mercado de trabalho, mas também de um mercado de relações. Relações de gente grande, de gente adulta. Mercado caracterizado pelas obrigações e pelo desejo/necessidade de reconhecimento. Um mercado em que o jovem precisa cada vez mais ‘ser alguém’ no social e isto depende do reconhecimento público. As necessidades/desejos são coerentes com as forças que predominam, ainda hoje, relacionadas às concepções de ordem para o progresso social. O reconhecimento público é incentivado, a partir da lógica do sucesso individual, e agenciado através de mecanismos de competição e de seleção natural. Sobrevivem e vencem os ‘mais fortes’. Mecanismos de julgamento. Que vençam os melhores! O ‘mercado’ diz quem são eles. É a lógica do controle pelo mercado, neoliberalismo das relações. Um lógica da expropriação do prazer, da sujeição à entrega voluntária em nome do sucesso, do retorno a ‘investimentos’.

Numa sociedade em que tem que ser reconhecido o tempo todo como o melhor, o de sucesso, o que não erra, o sujeito tem medo de se imprimir imperfeito, com falhas. Ele pode ser – e muitas vezes é – apontado como errado, pode ser ridicularizado. Tem medo de não ser reconhecido. De ser percebido na sua imperfeição. Para não ser julgado, não se mostra. Não se mostrando, não se relaciona – não corre riscos, mas também não amadurece. Não comunica. Fecha-se em si mesmo, tentando defender o seu próprio ego. Mecanismo de sobrevivência e morte, ao mesmo tempo. Neste caso, o sujeito passa a ser sujeitado.

Um outro mecanismo de sobrevivência relaciona-se ao fato de que, ao mesmo tempo, o sujeito se reinventa. Reinventa a si mesmo, as suas relações, a linguagem, a comunicação. Não se mostra segundo as regras, mas vive algo como múltiplas explosões do “si mesmo”. Explosões criativas. Explosões agressivas. Explosões sensíveis. Explosões de afeto. Ao não conseguir seguir as regras do ‘mercado’ – porque elas se relacionam com o ideal e não com o possível –, o sujeito busca ‘sobre-viver’ e elabora, para tanto, estratégias de vida e também – claro – de linguagem. Elas aparecem claramente nos seus processos de escrita. Podemos dizer, neste sentido, que estamos vivendo também tempos de reinvenção da escrita.

Sujeito. O sujeito aqui não é o da Psicanálise. Não é o sujeito individual. O sujeito está pensado como um campo de forças múltiplo, complexo, marcado por múltiplas influências. Influências de todos os tipos, desde sua família, suas tribos, sua musicalidade, suas preferências alimentares, suas manias, sua relação com o corpo, sua capacidade de expressão, sujeito pensado de uma maneira holística. Sujeito considerado no seu todo.



Sujeito maquínico, decorrente da constituição do ser em uma sociedade capitalística que – como bem nos explicam Guattari e Rolnik (1986) – são forjados em série, marcados por uma ordem capitalística mundial, seguindo tendências do mercado, ao mesmo tempo em que se aventuram em processos de singularização.

Temos, aqui, então a busca de compreensão de aspectos intrinsecamente ligados à complexidade da trama comunicacional contemporânea. Vivemos um contexto de vertiginosa ampliação dos dispositivos comunicacionais, facilitando grandemente o fluxo de informações, através de, cada vez mais, recursos, linguagens e técnicas. Trata-se de um enredado sistema de tramas textuais, tramas que se diversificam e se multiplicam, inseridas em um processo de mutação intensa. A aceleração desse contexto dificulta atividades inerentes aos processos de escrita, como é o caso da sistematização, organização e inscrição/materialização dos dados. Acontece que essas atividades se relacionam diretamente à constituição do ser, do seu mundo simbólico e, portanto, da sua capacidade/potencial de viver em comum, de comunicação.

Nesse sentido, as dificuldades que sentimos – que são sentidas – nos processos de escrita indicam que vivemos um tempo, cujas características podem comprometer a própria assimilação e processamento das transformações vividas coletivamente. No plano das singularidades, essas dificuldades podem interferir no processo de ‘re-conhecimento’, em todos os níveis. Representam, portanto, riscos à comunicação e ao relacionamento humano, quanto à perspectiva de predisposição ao ‘acolhimento’ e à entrega, no sentido do permitir-se o ‘encontro’. Complexo e caótico mercado de relações onde ocorrem as inscrições. As dificuldades com esses aspectos do processo da escrita não são ‘causa’ desse comprometimento, mas encontram-se absolutamente relacionadas. Desse modo, acredito que a retomada de capacidades ligadas à escrita pode minimizar essa explosão do ser – explosão, aqui, no sentido de fragmentação –, oferecendo, para o sujeito, um potencial estruturante de si, das suas relações e, portanto, da sua comunicação. Só que essa retomada tem que ser feita com muito cuidado, para não acionar travas inerentes a essas atividades, exacerbadas pela sociedade moderna, através do seu ‘sistema de produção de sujeitos’.

Abordar a relação do sujeito com os processos de produção e consumo da escrita implica, então, antes de mais nada, em ‘re-olhar’ esse próprio sujeito contemporâneo, ‘re-pensando’ as suas características, seus medos e sua ‘baratatontice’. Esta ‘baratatontice’⁶ é

⁶ A expressão deriva de uma oficina que criei, intitulada “A Comunicação das Baratas Tontas”. Resumidamente: trata-se de um jogo em que três emissores contam histórias diferentes para um receptor, ao



uma espécie de zonzeira, resultante do acúmulo e aceleração informacional. O sujeito vive o processo de forma fragmentada e caótica e, por isso mesmo, também fica aos pedaços, exposto visceralmente ao mundo das sensações. Só que não há tempo para sentir e, muito menos, para escrever, para inscrever-se. Não é essa a proposta do cotidiano caótico urbano social.

Parece-me claro que tratar deste assunto significa tentar compreender a própria vida do sujeito contemporâneo, como sujeito da Comunicação. E isto envolve, sem dúvida, todo e qualquer cidadão. Este texto surge, então, desde o princípio, imbuído do senso crítico quanto ao sentido e à própria necessidade da produção científica. Parte da compreensão de que é preciso ‘re-inscrever’, permitir o ‘re-conhecimento’ do próprio ser que escreve, ao mesmo tempo em que representa um comprometimento deste ser com o Outro – no sentido do Outro coletivo humano-ambiente – ecologia da existência.

Bibliografia

BAPTISTA, Maria Luiza C. Escrever: Dor e Prazer. A Sobrevivência na Selva Caosmótica da Comunicação. In: **VII Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação, XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Porto Alegre, RS, 2004. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18482/1/R1921-4.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2010.

_____. Escrita e Cumplicidade. In: **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. BH/MG, 2 a 6 set. 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_temas_baptista.pdf. Acesso em: 17 jul. 2010.

_____. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional**: um estudo sobre processos de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas. 2000. 442 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. A Recepção, o Visual e o Sujeito. **Caesura**, Canoas, ULBRA, n. 8, jan/jun 1996, p. 3-9.

_____. **Comunicação, Trama de Desejos e Espelhos**. Os Metalúrgicos, A Telenovela e Comunicação do Sindicato. 1994. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

mesmo tempo. A proposta é trabalhar o conceito de Comunicação e aspectos como fragmentação, superficialidade de registro... (BAPTISTA, 1993; 1996).



_____. A Comunicação das Baratas Tontas. **Logos**, Canoas, ULBRA, Ano 5, n. 2, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do Desejo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

KERCKHOVE, Derrick. **A Pele da Cultura. Uma investigação sobre a nova realidade electrónica**. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. **As Tecnologias da Inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: 34, 1993.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

REMPLEIN, Heinz. **Tratado de psicologia evolutiva**. El niño, el joven y el adolescente. Barcelona: Labor, 1977.

Maria Luiza Cardinale Baptista é jornalista, formada pela UFRGS, mestre e doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP. Autora do livro *Comunicação: Trama de Desejos e Espelhos* e de muitos artigos científicos, publicados em periódicos especializados e anais de eventos. Atualmente, é professora do Curso de Comunicação Social da Unisinos (RS-Brasil) e dirige a empresa Pazza Comunicazione, em Porto Alegre.